

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

VITÓRIA BANDEIRA-AMORIM

**O PAPEL SOCIAL DA MULHER MEDIEVAL NAS SOCIEDADES  
OCIDENTAIS PRÉ-CRISTÃS: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM  
THORBJÖRG E DO MISTICISMO MEDIEVAL NA SAGA DE EIRÍKR  
VERMELHO EM *TRÊS SAGAS ISLANDESAS*.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Curitiba  
2017

VITÓRIA BANDEIRA-AMORIM

**O PAPEL SOCIAL DA MULHER MEDIEVAL NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS PRÉ-CRISTÃS: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM THORBJÖRG E DO MISTICISMO MEDIEVAL NA SAGA DE EIRÍKR VERMELHO EM *TRÊS SAGAS ISLANDESAS*.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação – DALIC – e do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas – DALEM – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna da Silva Polese

Curitiba  
2017



## TERMO DE APROVAÇÃO

**O PAPEL SOCIAL DA MULHER MEDIEVAL NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS PRÉ-CRISTÃS: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM THORBJÖRG E DO MISTICISMO MEDIEVAL NA SAGA DE EIRÍKR VERMELHO EM TRÊS SAGAS ISLANDESAS.**

por

**VITÓRIA BANDEIRA-AMORIM**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 29 de novembro de 2017 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no curso de Letras Português/Inglês. A candidata **VITÓRIA BANDEIRA-AMORIM** foi argüida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Edna da Silva Polese

---

Professor orientador

Jaqueline Bohn Donada

---

Membro titular

Cristiano de Sales

---

Membro titular

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha família. À minha mãe e irmã que me acompanharam durante todo o processo de formação pessoal e profissional.

Agradeço à minha orientadora por me apresentar às Sagas Islandesas, por me orientar, dentro e fora de sala de aula, e pela companhia agradável desde o primeiro momento.

À minha banca, não apenas por ler esse trabalho, mas pelo acompanhamento ao longo da pesquisa e da graduação.

Agradeço à Gabriella, quem primeiro leu essas linhas, por todos os momentos compartilhados, pela dedicação e disposição.

Aos meus amigos, que em muito ajudaram e sem os quais, o período de graduação seria tão mais árduo e menos prazeroso.

Agradeço também à Rosa Finardi pelo acompanhamento ao longo dos anos e pela disposição em auxiliar na construção dessa pesquisa.

O meu pai declarou: a Islândia pensa. A Islândia é temperamental, imatura como as crianças, mimada. Tem uma idade geológica pueril. É, no cômputo do mundo, infante. Por viver a infância, decide com muito erro, agressiva e exuberante.

Não te aproximes demasiado da água, podem ter braços que te puxem para que morras afogada. Não subas demasiado alto, podem vir pés no vento que te queira fazer cair. Não cobices demasiado o sol do verão, pode haver fogo na luz que te queime os olhos. Não te enganes com toda a neve, podem ser ursos deitados à espera de comer. Tudo na Islândia pensa. Sem pensar, nada tem provimento aqui. Milagres e mais milagres, falava assim. E tudo pensa o pior.

Valter Hugo Mãe, *A desumanização*.

## RESUMO

BANDEIRA-AMORIM, Vitória. **O papel social da mulher medieval nas sociedades ocidentais pré-cristãs: Uma análise da personagem Thorbjörg e do misticismo medieval na Saga de Eiríkr Vermelho em *Três Sagas Islandesas***. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise literária da personagem Thorbjörg, mulher vidente da Saga de Eiríkr Vermelho em *Três Sagas Islandesas* visando identificar função social e relações de poder da mulher medieval inserida em sociedades pré-cristãs. Para o desenvolvimento da presente pesquisa são abordados fatores históricos do período de colonização Islandesa pelos povos escandinavos, reflexões a respeito de tradição oral e transposição escrita, bem como uma análise sobre o misticismo e a figura feminina em sociedades medievais pré-cristãs, enfatizando relações de poder exercidas por mulheres em suas dadas posições sociais.

**Palavras-chave:** Relações de poder; Sociedades pré-cristãs; Misticismo; Sagas Islandesas; Mulher medieval.

## ABSTRACT

BANDEIRA-AMORIM, Vitória. **O papel social da mulher medieval nas sociedades ocidentais pré-cristãs: Uma análise da personagem Thorbjörg e do misticismo medieval na Saga de Eiríkr Vermelho em *Três Sagas Islandesas***. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

This paper has the objective to develop a literary analysis of the character Thorbjörg, a fortune teller in Saga de Eiríkr Vermelho, from *Três Sagas Islandesas* aiming to identify social functions and women power relations development throughout pre-christian societies. For the present research, there have been established historical basis from the Icelandic colonization period, oral tradition reflection, as well as an analysis on mysticism and female figure in pre-christian societies, emphasizing power relations in which women are socially involved.

**Key words:** Power relations; Pre-christian societies; Mysticism; Icelandic Sagas; Medieval woman.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. A SAGA DE EIRÍKR O VERMELHO E O GÊNERO LITERÁRIO.....	11
3. OS POVOS NÓRDICOS: NAVEGAÇÕES E COLONIZAÇÃO DAS REGIÕES OCIDENTAIS.....	14
4. A COLONIZAÇÃO DA ISLÂNDIA E A ESCRITA DAS SAGAS: TRANSPOSIÇÃO DA TRADIÇÃO ORAL .....	19
5. ANÁLISE NARRATIVA DO QUARTO CAPÍTULO DA SAGA .....	24
6. A ARQUEOLOGIA DA FIGURA FEMININA: THORBJÖRG, A ADIVINHA, VIDENTE, MULHER MÍSTICA.....	32
7. AS RELAÇÕES DE PODER DAS MULHERES: MULHER PAGÃ E MULHER CRISTÃ .....	37
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
9. REFERÊNCIAS.....	42
10. ANEXOS.....	45

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dispõe a realizar uma análise da personagem Thorbjörg, mulher adivinha retratada na Saga de Eiríkr Vermelho, pertencente à obra *Três Sagas Islandesas* - tradução de Théo de Borba Moosburger - como parâmetro para desenvolvimento das funções sociais de mulheres nas sociedades ocidentais pré-cristãs. A partir de descrições realizadas pela narrativa, definições a respeito do gênero literário saga e uma introdução sócio-histórica, busca-se analisar as práticas sociais adotadas pelos integrantes da sociedade descrita na saga, sendo o enfoque principal as relações de poder das mulheres pagãs.

Para o desenvolvimento da presente análise se faz necessária a sistematização em duas vertentes: Em primeiro lugar é apresentada breve contextualização histórica, responsável por realizar uma leitura da memória social dos povos que habitavam a região entre o extremo norte do Oceano Atlântico Norte e o Mar da Noruega. É utilizado aqui um referencial teórico que abrange questões geográficas, históricas e arqueológicas, visando estabelecer uma aproximação do leitor com o ambiente descrito e a sociedade apresentada pela saga de Eiríkr Vermelho. Por se tratar de uma região e momento histórico específico, torna-se fundamental que o leitor seja apresentado a uma breve introdução sócio-histórica para só então vir a ter contato com a análise do capítulo selecionado. Sendo aqui também analisadas as relações que permeiam as reflexões acerca da preservação da narrativa oral e transposição para narrativa escrita, processo esse que ocorre com a saga por volta do ano de 1200, já no século XIII, ainda que os registros narrativos datem do ano 1000, período de colonização da Islândia e Groenlândia, e do descobrimento da América do Norte.

O segundo momento do texto compete à análise literária da narrativa apresentada pelas sagas, relacionando as informações históricas com a narrativa em questão. Além da análise literária e da contextualização sócio-histórica, torna-se necessário para a pesquisa que se apresente uma diferenciação do que aqui será considerado como mulheres pagãs e mulheres cristãs, buscando conceituar nesse momento a figura feminina e realizando a pesquisa do papel social dessas mulheres nas sociedades pré-cristãs. Por se

tratar de uma análise enfocada no misticismo feminino, serão desenvolvidas as questões da figura feminina, sua posição social e as funções de poder que desenvolviam em sociedade. Serão aqui analisadas as relações de poder atribuídas às figuras femininas, buscando correspondentes nas sociedades atuais para o papel desempenhado por figuras como a personagem Thorbjörg.

A realização desse trabalho se faz justificável uma vez que, por ter o objetivo de refletir sobre a figura da mulher em sociedades antigas, traz, à luz dos estudos históricos e literários, a representação de uma sociedade quase perdida na memória, que se fez preservada pela transcrição da narrativa oral para narrativa escrita através do que se conhece hoje como sagas islandesas familiares, ou no islandês: *Íslendingasögur*. É então, demonstrável a riqueza histórica e narrativa das sagas, consideradas um gênero singular por sua coexistência com outras narrativas ocidentais, porém, sem influência das vertentes da narrativa latina provinda da Europa. O gênero sagas islandesas é a marca característica de um povo cujo passado pagão não foi dizimado e incorporado pela ritualística cristã como realizado na Europa no período conhecido como a Idade Média.

A relevância histórica de sagas como a apresentada pela obra a ser aqui estudada é notória, e, a raridade do relato é uma motivação para a preservação da memória de tradições hoje não mais apreciadas como modelo de conduta, mas ainda assim, organizações sociais vigentes entre os séculos IX e X nas localidades destacadas pelo texto. É então, apoiada por estudos históricos e arqueológicos, que se demonstra um breve panorama histórico-social das sociedades escandinavas, apresentando a colonização das regiões nórdicas Ocidentais que resultou no processo de cristianização da Islândia e da Groenlândia, e analisando literariamente os registros narrativos mantidos pelas sagas.

O presente trabalho não se destina a estabelecer um estudo sobre os desenvolvimentos da bruxaria na Europa, nem sequer às questões da perseguição medieval realizada àqueles que eram considerados degradados e desertores da fé cristã. Ainda assim, se torna indispensável realizar um paralelo entre as concepções de práticas de magia no período medieval europeu e americano a partir da colonização das regiões mais ocidentais do globo.

## 2. A SAGA DE EIRÍKR O VERMELHO E O GÊNERO LITERÁRIO

A obra *Três Sagas Islandesas*, de tradução do estudioso Théo de Borba Moosburger, representante do gênero literário sagas islandesas, é aqui analisada literariamente com uma abordagem sócio-histórica a fim de estabelecer uma reflexão acerca das estruturas sociais no período proposto, relacionando melhor a análise literária com os fatos históricos. Para que o estudo se apresente de maneira mais satisfatória, o texto literário será aqui considerado, não apenas como construção diegética, ainda que por se tratar de um gênero literário, seja necessária a leitura como tal, mas também como um documento de preservação das relações sócio-culturais do povo representado nas sagas. Desta forma, a figura da vidente Thorbjörg<sup>1</sup>, será não apenas analisada como uma representação literária do imaginário popular, mas também como um referente da sociedade na qual estava inserida. Sendo considerada como figura de importância e detentora de uma determinada sabedoria solicitada pela comunidade, torna-se de grande valia a análise da influência social que figuras como ela desempenhavam no ambiente medieval pré-cristão das regiões onde hoje se localizam as áreas povoadas pelos antigos Nórdicos durante as navegações para o ocidente: a Islândia, Groenlândia e o oeste do Canadá.

Ao trabalhar o gênero literário saga e suas características primordiais, é necessário primeiro que se compreendam as razões que levaram a mesma a ser um ponto tão distinto no contexto literário mundial. As sagas se desenvolvem em um momento histórico específico às navegações nórdicas e à colonização das regiões árticas do Oceano Atlântico, na região onde hoje se localizam tanto a Islândia e a Groenlândia, quanto o Canadá; sua escrita data do século XIII, muitas vezes de autores desconhecidos, porém seus acontecimentos remetem a fatos considerados reais ocorridos por volta do ano 1000 d.C.

---

<sup>1</sup> Para leitura completa da narrativa de Thorbjörg, consultar o capítulo IV da Saga de Eiríkr Vermelho na página 45.

Otto Maria Carpeaux em seu trabalho *História da Literatura Ocidental*, descreve o gênero saga como uma série de “relatos rigorosamente históricos, às vezes bibliográficos, que ora tratam da biografia de uma família inteira, ora se limitam à autobiografia, e oferecem um panorama completo dessa gente terrível” (CARPEAUX, 2014, p. 132); Théo de Borba Moosburger atesta ser o tom da narrativa islandesa “direto, seco, por vezes reticente, porém extremamente expressivo”, para ele, nas sagas “há algo entre o discurso do historiador e o coloquialismo do contador de histórias” (2007, p. 8). O *Dicionário de termos literários* de Massaud Moisés apresentada saga como:

Norueguês arcaico saga, história. Designa as narrativas épicas, em prosa, que circularam entre os povos da Islândia e da Escandinávia, de forma oral e anônima antes do século XII, e de forma escrita e geralmente anônima, daí por diante. Mesclando fatos verídicos, folclóricos e imaginários, relatam a história de reis, como Heinskingla, de Snorri Sturluson, ou de famílias, como Laxdaela Saga, de autor desconhecido. A voga das sagas começou a declinar no século XIII, em razão de a Islândia haver perdido sua independência e do crescente influxo da cultura francesa (MOISÉS, 1999, p. 469).

Para melhor compreender o gênero saga islandesa, pode-se realizar aqui algumas reflexões a respeito de outros gêneros literários com os quais o leitor pode vir a ter mais proximidade. As sagas islandesas, por serem consideradas narrativas curtas, narrativas que se resumem de maneira muito rápida, poderiam ser vistas como contos, porém, em sua temática, a saga se assemelha muito mais às narrativas épicas ou às epopéias, contando acontecimentos históricos de personagens que se acredita serem reais. Apesar da aproximação entre o gênero saga e o gênero conto por seu formato sucinto e pela economia de informações, toma-se como ponto de partida para essa discussão a descrição realizada por Moosburger no prefácio das *Três Sagas Islandesas* que mostra ser a saga um gênero distinto de outros comumente estudados pelo academicismo:

As sagas são um gênero literário à parte; não são romances, não são novelas: são textos em prosa nos quais se podem, sim, reconhecer semelhanças com esses outros gêneros, e que também possuem muito em comum com as epopéias, mas com elementos próprios - em islandês o termo *saga*, substantivo derivado do verbo *segja* (dizer, contar), significa “o que é contado”, “narrativa”, “história”. Sendo assim, enquanto gênero literário à parte, as sagas são um conjunto de textos que apresentam características únicas que se manifestam, naturalmente, no plano estilístico e na estruturação da narrativa (MOOSBURGER, 2007, p. 7).

A partir dos estudos realizados pelo autor, é perceptível a multiplicidade e a extensão do *corpus* no qual a saga se compreende: “há textos longos, verdadeiras epopéias em prosa, há textos breves, há textos mais próximos da historiografia, da biografia, há textos mais ficcionais, e há, enfim, os textos literariamente mais elaborados e menos” (MOOSBURGER, 2007, p. 7). Há, então, uma diversidade de textos e cada uma das sagas se desenvolve de uma determinada maneira tal a representar as características apresentadas pelo gênero. Na leitura da saga de Eiríkr Vermelho, temos a apresentação de um narrador observador, narrador esse que apenas apresenta fatos mas não participa dos acontecimentos.

A saga de Eiríkr Vermelho, ou *Eiríks saga rauða*, é uma saga islandesa classificada como uma saga de família, *islendingasögur*, composta por volta do início do século XIII, ainda que tenha sua ocorrência por volta do ano 1000:

Sobreviveu em dois manuscritos medievais, o Hauksbók (1302-1310) e o Skálholtsbók (c. 1420), ambos baseados em um original escrito após o ano de 1263 e hoje perdido. Juntamente com o *Groenlendinga saga*, forma as chamadas sagas de Vínland ou groenlandesas, as mais antigas memórias da ocupação escandinava no Atlântico Norte, durante o medievo, recontando as viagens efetuadas na Islândia, Groenlândia e América do Norte (LANGER, 2010, p. 183).

Segundo as descrições da saga, nota-se um movimento colonizatório apresentado em vários momentos do desenrolar da narrativa. Primeiramente na Europa, conquistando regiões como Dublin e o interior da Escócia, e realizando viagens para a Noruega; as gerações de colonizadores descritos pela saga seguiram para a Islândia antes do ano 1000 d.C, ano de oficialização do cristianismo como religião do país. Após habitarem localidades da Islândia, os colonizadores partem uma vez mais e se dirigem às geleiras da Groenlândia. Eiríkr é o responsável pela denominação da Groenlândia como

tal, por afirmar, segundo a saga, que as pessoas se interessariam pela terra se ela fosse bem denominada. Depois dele, outros conduziram expedições até a Groenlândia, dentre eles, Ari Thorgilsson conta que partiram vinte e cinco navios para a Groenlândia no verão do ano estivado de 985 d.C: “Isso [a viagem dos vinte e cinco navios] se deu quinze invernos antes de o cristianismo ser tomado como lei na Islândia” (2007, p. 90-91).

Eiríkr se estabelece na Groenlândia e Thorbjörn, fazendeiro respeitado na Islândia, aceita seu convite e leva sua família para as terras groenlandesas, levando consigo sua filha Guðríðr - personagem que será abordada mais detalhadamente durante a análise do capítulo quarto - e habitando por um período de tempo o assentamento de Thorkell em Herjúlfr. É nessa habitação que se passam os acontecimentos descritos pelo capítulo quarto da saga, capítulo no qual é apresentada a figura da vidente Thorbjörg. Para melhor entender o processo de colonização desses povos, é possível basear-se em estudos realizados por historiadores e arqueólogos, processo esse que será descrito de forma mais detalhada no capítulo seguinte a fim de estabelecer um panorama dos acontecimentos em ordem cronológica<sup>2</sup>.

### 3. OS POVOS NÓRDICOS: NAVEGAÇÕES E COLONIZAÇÃO DAS REGIÕES OCIDENTAIS

O processo de colonização dos europeus pelos vikings nórdicos se dá por volta do século VIII com uma série de ataques às regiões hoje conhecidas como sendo Inglaterra, Irlanda e França e se estende até por volta do ano 1100 d.C. As regiões que mais tiveram influência das comunidades vikings foram justamente essas; bem como regiões mais orientais como a atual Rússia, e regiões mais ocidentais como as Ilhas Faroé, Islândia e Groenlândia. A América do Norte, na região onde atualmente se estabelece o Canadá, conhecida pelos habitantes do período por volta do ano 1000 d.C como Vínland, foi também uma região descoberta pelos vikings emigrados da Noruega medieval. Todavia, ainda que se possa considerar o descobrimento dessa região, o Canadá não pode ser considerado como colonizado pelas

---

<sup>2</sup> Para um panorama mais amplo a respeito da cronologia dos fatos aqui apresentados, é possível acessar uma linha do tempo disponível em anexo na página 48.

comunidades vikings, mas sim, apenas habitado por um determinado período de tempo, não havendo um assentamento dessas comunidades, sendo necessária a evasão das regiões de Vínland.

O movimento migratório realizado em direção às regiões mais ocidentais do globo pode ser refeito com determinada precisão a partir dos relatos preservados pelas narrativas que compreendem as sagas. Muito das expedições de colonização se manteve a partir da preservação dessas narrativas. A respeito da colonização Islandesa e Groenlandesa, o processo parece ter sido de certa forma mais socialmente pacífico, ainda que geograficamente desafiador, uma vez que as disputas territoriais existiam, porém eram estabelecidas entre os próprios fazendeiros que colonizavam agora essas regiões, indivíduos esses inclusos nas mesmas formas de organização social; sem que houvesse, por exemplo, um choque de realidade como ocorre na tentativa de colonização da região de Vínland, na América do Norte.

O processo de descobrimento de Vínland tem especial importância nos estudos sobre a colonização escandinava do Ocidente uma vez que representa a primeira descoberta dos povos europeus a respeito da América, continente mais ao oeste do globo. A descoberta da região de Vínland nesse período pode representar o primeiro contato do europeu com as terras americanas, muito antes do que se cria ter tido. Por conta dessa importância e pela escassez de informações históricas, durante muito se debateu a real localização da região na qual se passam as sagas de Vínland, saga essa, dentre as mais conhecidas e estudadas pelos medievalistas. As *Sagas de Vínland*, apresentada por Moosburger como *Sagas do descobrimento da América*, é composta tanto pela *Saga de Eiríkr Vermelho*, quanto pela *Saga dos groenlandeses*, responsáveis pela narrativa do descobrimento da América pelos nórdicos antigos. A falta de comprovações históricas outras que não as narrativas das sagas e possíveis disparidades nas informações transmitidas oralmente pelas sagas, seja pela não preservação no momento de sua escrita, ou pela própria multiplicidade de versões para uma mesma história, dificultou, ao longo dos séculos, a confirmação da veracidade dos fatos, entretanto, após a comprovação do redescobrimto da região de Vínland, tais questionamentos perderam muito de sua força. Anne Stine Ingstad, antropóloga norueguesa, é pesquisadora dos

movimentos colonizatórios dos antigos vikings na Groenlândia e Islândia, também responsável pela descoberta da antiga comunidade viking na região de L'anse aux Meadows, no Canadá, possível localização para o assentamento conhecido como Vínland. A autora afirma a respeito do assentamento groenlandês em seu trabalho *The discovery of a Norse settlement in America*:

Essa colônia [no sudoeste da Groenlândia], que foi descoberta por Eiríkr o Vermelho no ano de 986, consiste em dois assentamentos. O assentamento leste no sul e o assentamento oeste, que se encontra mais ao norte. As ruínas de cerca de 300 fazendas, 19 igrejas e dois mosteiros foram achadas – as construções das fazendas eram feitas de suplemento de origem vegetal e pedras. No seu mais próspero, essa sociedade provavelmente teve em torno de 4000 pessoas que moravam nos dois assentamentos. Eles viviam de comércio ou trocas, caça e pesca. Eles devem ter tido grande dificuldade em obter material para construção de navios, uma vez que a única madeira disponível na Groenlândia era uma espécie de Bétula e madeira flutuante [provinda do oceano]. Navios vinham diretamente – ainda que irregularmente – de Bergen na Noruega para a Groenlândia e retornavam. [...] Em 1261, a Groenlândia tornou-se parte do reinado Norueguês. O assentamento nórdico nas longínquas ilhas árticas continuou a existir até cerca de 1500 – depois dessa data desapareceram misteriosamente (INGSTAD, 1977, p. 11-12).<sup>3</sup>

Por suas condições climáticas desfavoráveis e a dificuldade em encontrar recursos de subsistência na região colonizada, os habitantes da Islândia, que vieram a colonizar a Groenlândia posteriormente, continuaram o processo de descobrimento e colonização de outras regiões, dentre elas a tentativa de colonização da região de Vinland, no Canadá. Tal localidade foi encontrada por Ingstad e por meio de estudos arqueológicos desenvolvidos na região, a pesquisadora foi capaz de apontar o redescobrimto da vila que é até então considerada como a mais provável localização dos colonizadores nórdicos ao desembarcarem nas regiões de temperaturas mais amenas da América:

---

<sup>3</sup> Tradução própria. Original: "This colony [in south-western Greenland], which was founded by Eirik the Red in A.D. 986, consisted of two settlements- the East settlement in the south and the West Settlement, which lay further to the north. The ruins of about 300 farms, 19 churches and two monasteries have been found - the farm buildings are constructed of turf and stone. At its most prosperous, this society probably numbered about 4,000 people, who lived in these two settlements. They lived by stock-keeping, hunting and fishing. They must have had great difficulty in obtaining material for shipbuilding, for the only timber available in Greenland was knurled birch and drift-wood. Ships went directly - although irregularly - from Bergen in Norway to Greenland and back again. [...] In A.D. 1261, Greenland became part of the Norwegian realm. The Norse settlements on this distant arctic island continued to exist until about A.D. 1500 - after this date they disappeared mysteriously" (INGSTAD, 1977, p. 11-12).

Um ponto de interesse particular é o fato de que as assim chamadas viagens à Vinland começaram a partir da fazenda de Eiríkr Vermelho no Assentamento Leste, [chamado de] Brattahlid [no português: colinas íngremes]. De acordo com a *Saga dos Groenlandeses* e a *Saga do Erikir Vermelho*, as expedições de Leif Eiriksson and Thorfinnr Karlsefni, assim como outros, deixaram Brattahlid por volta do ano 1000, e navegaram até uma terra desconhecida que eles chamaram Vinland. A *Saga dos Groenlandeses* afirma que Leif construiu “grandes casas” lá. Isso apresenta claramente que tal região deveria ser a América do Norte, mas onde? O problema da posição de Vinland tem sido discutido por gerações, mas as muitas investigações realizadas não forneceram vestígios certos a respeito dos Nórdicos. Tem sido geralmente assegurado que Vinland deve se situar bem longe ao sul, uma vez que as sagas mencionam uvas silvestres. Entretanto, depois de investigar os assentamentos Nórdicos da Groenlândia, meus contínuos estudos me levaram a conclusão de que Sven Soderberg (1898), filólogo sueco, estava certo ao afirmar que a sílaba *vin* referia não a vinho, mas a palavra em Nórdico Antigo *vin*, que significa prado ou pasto; um equívoco com o nome pode ter sido responsável pela menção de uvas nas sagas. Levando em consideração também outros fatores, como os tempos das navegações e o mapa de Sigurdur Stefansson da antiga Islândia<sup>4</sup>, cheguei à conclusão de que Vinland deveria ser em Newfoundland [província canadense de Terra Nova e Labrador] (INGSTAD, 1977, p. 11-12).<sup>5</sup>

Ingstad apresenta até mesmo uma possível resposta para a disparidade de informações sobre haver ou não terras com abundância de frutas silvestres tais como as uvas. Apontando ainda indícios da cultura indígena da região e como se deu o encontro dos novos assentamentos vikings com os habitantes da região:

Antes de essa terra ser redescoberta por volta de 1500 d.C., os habitantes do norte de Newfoundland [Terra Nova] eram os índios Beothuk, assim chamados índios vermelhos. Esses nômades, que migravam entre a costa e as áreas continentais, viviam de caça e pesca. Durante o outono eles partiam para o interior do continente juntamente dos grandes rios, sendo uma das regiões favoritas as

<sup>4</sup> Mapa em anexo na página 49.

<sup>5</sup> Tradução própria. Original: “A point of particular interest is the fact that the so-called Vinland voyages started from Eirik the Red's farm in the East Settlement, Brattahlid. According to the Groenlendinga Saga and Eirik's Saga, the expeditions of Leif Eiriksson and Thorfinnr Karlsefni, as well as others, left from Brattahlid around the year A.D. 1000, and sailed to an unknown land which they called Vinland. The Granlendinga Saga states that Leif built "large houses" there. It appears clearly that this region must have been in North America, but where? The problem of the position of Vinland has been discussed for generations, but the many investigations carried out yielded no certain traces of the Norsemen. It has generally been held that Vinland must have lain fairly far to the south, as the sagas mention wild grapes. However, after having investigated the Norse settlements of Greenland, my continued studies led me to the conclusion that Sven Soderberg (1898), the Swedish philologist, was right in asserting that the syllable *vin* referred not to wine, but to the Old Norse word *vin* (f), which means meadow or pasture; a misunderstanding of the name may be responsible for the mention of grapes in the sagas. Taking also a number of other factors into consideration, such as the sailing times and the old Icelandic map of Sigurdur Stefansson, I arrived at the conclusion that it seemed likely that Vinland should have lain on Newfoundland” (INGSTAD, 1977, p. 11-12).

proximidades do Red Indian Lake. Na primavera os Beothuk retornavam à costa, alguns deles chegando até as regiões mais ao norte de Newfoundland. Essa tribo indígena foi cruelmente perseguida pelos colonizadores brancos, que se aliaram com os índios Micmac. No começo do século XIV os Beothuk tinham sido quase exterminados, e o último membro sobrevivente da tribo morreu em 1829 (INGSTAD, 1977, p. 22).<sup>6</sup>

De acordo com as informações disponibilizadas no site do *Saga Museum*, localizado na cidade de Reykjavík, capital da Islândia:

Ao longo de período de assentamento, a vida cotidiana na Islândia deveria ter sido bem difícil devido a circunstâncias severas. Erupções, terremotos, avalanches e outras catástrofes naturais eram algumas das coisas que os islandeses tiveram que passar. Eles também estavam sujeitos à Peste Negra que levou à destruição de mais de um terço da população. No entanto, nada disso dissuadiu aqueles que aqui viveram e eles deixaram para trás uma notável cultura e literatura que se faz igualável à qualquer outro país da Europa (SAGA MUSEUM, 2017).<sup>7</sup>

A partir dessa apresentação dos assentamentos vikings que colonizaram as regiões, é possível estabelecer melhor as condições de vida e o cotidiano dos colonizadores nórdicos nas regiões ocidentais, condições essas por vezes severas em demasiado. É notório, também, a partir dessas descrições que o processo de colonização dessa região se deu de maneira conflituosa e muitas vezes não foi bem sucedido. Um exemplo disso pode ser dado pela guerra estabelecida entre os colonizadores nórdicos e as tribos indígenas que já ocupavam a região, resultando na expulsão dos moradores do assentamento em Vínland.

---

<sup>6</sup> Tradução própria. Original: “Before this land was rediscovered in about A.D.1500, the inhabitants of northern Newfoundland were Beothuk Indians, the so-called Red Indians. These nomads, who migrated between the coast and the inland areas, lived by hunting and fishing. In autumn they moved inland along the great rivers, one of their most favoured regions being the parts by Red Indian Lake. [...] In the spring, the Beothuk returned to the coast, some of them reaching the northernmost parts of Newfoundland. This Indian tribe was mercilessly persecuted by the white settlers, who allied themselves with the Micmac Indians in their war on the Beothuk. Early in the nineteenth century the Beothuk Indians had almost been exterminated, and the last surviving member of their tribe died in 1829” (INGSTAD, 1977, p. 22).

<sup>7</sup> Tradução própria. Original: “Throughout the period of settlement, everyday life in Iceland must have been very difficult due to hard circumstances. Eruptions, earthquakes, avalanches and other natural catastrophes were some of the things Icelanders had to endure. They were also subject to the notorious Black Death that led to the destruction of more than a third of the population. However, none of this deterred those who lived here and they leave behind them a remarkable culture and literature that equals that of any other country in Europe”(SAGA MUSEUM, 2017).

#### 4. A COLONIZAÇÃO DA ISLÂNDIA E A ESCRITA DAS SAGAS: TRANSPOSIÇÃO DA TRADIÇÃO ORAL

A escrita das Sagas pode ser aqui considerada como uma representação literária de um determinado momento histórico, mantido em registro pela transposição da tradição oral para a narrativa literária escrita, que visava manter viva a memória social da comunidade. A partir dos estudos do que é o gênero saga islandesa e a forma como se desdobram os conhecimentos por meio dela transmitidos, nota-se a função social que tais narrativas tinham no ambiente comunitário. A saga, literatura cuja ausência de influências do latim, se estrutura de forma “lacônica e abrupta” (CARPEAUX, 2014, p. 132), com seus relatos históricos e biográficos, tem função na manutenção da cronologia, bem como nos ideais de organização social.

Podemos realizar uma leitura das sagas pelo viés dos estudos desenvolvidos por Paul Zumthor, medievalista sueco cujo trabalho a respeito da transposição da tradição oral para literatura escrita nos inspira na pesquisa das origens literárias ocidentais. Em seu trabalho *A letra e a voz*, Zumthor estabelece uma série de reflexões pertinentes ao estudo do gênero saga, dentre elas a distinção estabelecida entre os tipos de oralidade das sociedades medievais, possibilitando uma análise mais detalhada das condições de produção literária da sociedade islandesa do século X:

Convém distinguir três tipos de oralidade, correspondentes a três situações de cultura. Uma, primária e imediata, não comporta nenhum contato com a escritura. De fato, ela se encontra apenas nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos. Não podemos duvidar de que tal foi o caso de amplos setores do mundo camponês medieval, cuja velha cultura (tradicional, oprimida, uma arqueocivilização que preenchia os vazios da outra) deve ter comportado uma poesia de oralidade primária, de que subsistem alguns fragmentos. [...] Não há dúvida, entretanto, de que a quase totalidade da poesia medieval realça outros dois tipos de oralidade cujo traço comum é coexistirem com a escritura, no seio de um grupo social. Denominei-os respectivamente oralidade mista, quando a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada; e oralidade segunda, quando se recompõe com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário. Invertendo o ponto de vista, dir-se-ia que a oralidade mista procede da existência de uma cultura "escrita" (no sentido de "possuidora de uma escritura"); e a oralidade segunda, de uma cultura "letrada" (na qual toda expressão é marcada mais ou menos pela presença da escrita). Entre os séculos VI e XVI, prevaleceu uma situação de oralidade mista ou segunda conforme as épocas, as regiões, as classes sociais, quando não os indivíduos (ZUMTHOR, 1993, p. 18-19).

Pode-se considerar então que em sua totalidade, as sociedades do mundo camponês eram iletradas e conseqüentemente, sua oralidade pode ser a chamada oralidade primária. Contudo, aquelas situações nas quais a comunidade recebia determinada influência de uma cultura letrada, poderiam já ser classificadas como mistas ou segundas, sendo, muito possivelmente esse o ambiente de produção das narrativas escritas das sagas islandesas: um ambiente ainda não letrado no momento dos acontecimentos relatados, porém já inserida nos letramentos escritos a partir do momento de sua reprodução de forma escrita.

Segundo Zumthor, "todo texto poético, na medida em que visa ser transmitido a um público" (1993, p. 19), deve se ater às condições que determinam as cinco operações que constituem uma história: a produção, a comunicação, a recepção, conservação e repetição; tais operações podem se dar tanto de forma sensorial, oral-auditiva, visual, ou pelo conjunto dessas. O resultado da coincidência entre comunicação e recepção desses textos, para ele, cria uma situação de performance. Tal performance é a reprodução de uma história contada oralmente pelos povos das comunidades que se enquadram nas situações de oralidade apresentada pelo autor. Sendo assim, no momento de reprodução oral da história, momento da performance, existe uma autoridade, tal autoridade é atribuída ao seu intérprete, pois a sua

voz é o mecanismo de produção dessa história. Segundo o autor, tal reprodução dessas histórias em momento de performance é responsável pela manutenção dessa narrativa, sendo o único modo possível de transmissão ao período:

O conjunto dos textos legados a nós pelos séculos X, XI, XII e, numa medida talvez menor, XIII e XIV passou pela voz não de modo aleatório, mas em virtude de uma situação histórica que fazia desse trânsito vocal o único modo possível de realização (de socialização) desses textos [...] Evitemos dar a esses textos mais do que nos dão, ou mais do que dissimulam. [...] Resta-nos, por nossa maneira de auscultar esses signos, fazer ressoar aí o não-dito e nunca esquecer que tudo o que os manuscritos medievais nos oferecem foi o produto de uma censura - dessa mesma (além da intervenção dos clerics [clérigo letrado]) que implicava o registro escrito (ZUMTHOR, 1993, p. 21-22).

Podemos realizar a análise das informações apresentadas pela saga, segundo o que Zumthor nos apresenta como um processo de escrituração das sociedades antes orais:

O ocidente entra passo a passo na idade da escritura, à qual os *scriptoria* carolíngios não tinham logrado impor um modelo. Daí um lento deslizar em direção ao que, desde 1200-50, um homem de outro planeta teria podido prever: uma predominância a longo prazo do modelo escritural. Entre o início do século XII e meados do século XV, por todo o Ocidente se produziu, em graus de fato diversos, uma mutação profunda, ligada à generalização da escrita nas administrações públicas, que levou a racionalizar e sistematizar uso da memória (ZUMTHOR, 1993, p. 28).

Estabelecendo uma relação entre a época de acontecimento e a época de transcrição escrita das sagas, pode-se considerar que “sagas familiares foram escritas muito depois de que suas histórias aconteceram”<sup>8</sup> (SVEINSSON, 1958, p. 2). Sveinsson em seu trabalho *Dating the Icelandic sagas*, refere-se à Müller quando considera que, sendo a manutenção da tradição oral uma forma de preservação histórica dos feitos ancestrais, pode-se sustentar que “as sagas foram escritas em momentos variados, mas que pensa ele [Müller] não ter havido nenhuma pausa no processo de escrita das sagas

---

<sup>8</sup> Tradução própria. Original: “Family Sagas were written long after their stories took place” (SVEINSSON, 1958, p. 2).

do início ao fim”<sup>9</sup> (SVEINSSON, 1958, p. 3), tal processo de escrita, acredita-se ter sido iniciado por volta do século XII e ter sido finalizado no século XIII antes do declínio do prestígio que as narrativas orais dos colonizadores islandeses representavam no país.

As sagas, inspiradas por diversos acontecimentos ligados à colonização da Islândia entre 930 e 1030, foram vertidas por escrito no século XIII: em qualquer forma oral que fosse (talvez dos poemas genealógicos), tinham então duzentos ou trezentos anos de idade. Quanto aos eddas, chegaram-nos sob forma de citações (centenas), na Arte poética do letrado Snorri Sturluson, ao redor de 1220 (ZUMTHOR, 1993, p. 46).

No que tange à datação das sagas, temos uma lacuna de tempo que abrange cerca de 300 anos entre o momento dos acontecimentos e sua preservação escrita. Ainda que no momento dos acontecimentos relatados a Islândia se enquadre no que Zumthor chama oralidade primária, o momento de reprodução escrita dessas sagas se dá com o advento da escrita, trazida pelas mãos do cristianismo. Tal processo de introdução das práticas escriturais, é descrita como um processo quase universalizado, no qual todas ou pode-se considerar todas as comunidades conhecidas, apresentaram um processo similar, de acordo com a sequência de acontecimentos referentes a cada região:

---

<sup>9</sup> Tradução própria. Original: “The sagas had been written at various times, but he did not think that there had been any pause in saga-writing from the beginning to the end” (SVEINSSON, 1958, p. 3).

O ritmo do tempo ainda não é uniforme em todo lugar. As datas, propositalmente aproximativas, que trago aqui remetem a etapas históricas que ultrapassaram, com maior ou menor rapidez, os territórios do antigo Império do Ocidente e quaisquer outros. [...] a natureza e a sucessão das fases do desenvolvimento permanecem mais ou menos as mesmas: [...] até meados do século XII, segue-se um processo de cristianização que acompanha a introdução de práticas escriturais; de 1150 a 1350, compilam-se e elaboram-se os textos que possuímos, alimentados pela lembrança das antigas sagas. No bojo desses largos limites, o ar oferecido à ressonância das vozes medievais é homogêneo. [...] Essa postura refere-se implicitamente à unidade orgânica de uma cultura, assinalando sua extrema diversidade: sugere (sob benefício de inventário) um dos níveis com relação aos quais podemos tomar como válida, de um ponto a outro da Europa, a idéia de uma universalidade "medieval" (ZUMTHOR, 1993, p. 30-31).

Para Zumthor, “O vazio documental se preenche assim, pouco a pouco, com um concerto de vozes perdidas” (1993, p. 47), vozes essas preservadas pela transcrição para narrativa escrita. Ainda que haja um período tão grande de manutenção oral, é de crucial importância o registro desses feitos por uma cultura letrada, uma vez que essa pode ter sido a única razão pela qual não perdemos completamente os registros dos feitos desses colonizadores.

Em geral é suposto que essas histórias orais correspondam exatamente com as sagas escritas. Supõe-se que elas eram comumente escritas palavra por palavra, e isso indica claramente que a diferença entre a saga escrita e sua fonte oral não é maior do que a diferença entre dois contadores de histórias que contam a mesma história; As alterações não são maiores do que qualquer contador de histórias iria permitir a si mesmo. Essas histórias orais, das quais as sagas foram retiradas, acredita-se que tenham sido aprendidas de cor, de um contador para outro, até que finalmente, como já dito, foram escritas mais ou menos palavra por palavra assim como um contador contou para eles (SVEINSSON, 1958, p. 8).<sup>10</sup>

A respeito da necessidade da manutenção dessa narrativa temos os estudos de Patrícia Pires Boulhosa, pesquisadora da *University of Cambridge*, que atestam terem sido os manuscritos das sagas retomados como objeto de estudo após séculos:

---

<sup>10</sup> Tradução própria. Original: “In general it is supposed that these complete oral stories corresponded exactly with the written sagas. It is supposed that they were commonly written down word for word, and it is stated plainly that the differences between a written saga and its oral source are no greater than the differences which two story-tellers would make in telling the same tale; the alterations were no greater than any story-teller would permit himself. These oral stories, from which the written sagas were taken, are believed to have been learnt by heart by one story-teller from another, and finally, as already said, they were written down more or less word for word as one of the story-tellers had told them” (SVEINSSON, 1958, p. 8).

A necessidade de preservar a identidade cultural, aliada ao desejo da nobreza [norueguesa] em buscar raízes históricas para as propícias uniões políticas da época, impulsionaram o humanismo Escandinavo. A evocação de Saxo [Grammaticus], levou os humanistas escandinavos a procurar manuscritos na Islândia, onde se encontravam espalhados por mosteiros, igrejas e em posse de alguns particulares. O súbito interesse pelas sagas foi bem acolhido pelos islandeses que, desde cedo, tentaram garantir que a origem islandesa das sagas fosse reconhecida. Neste período, portanto, as sagas surgiram como elemento de preservação das identidades escandinavas, que se encontravam ameaçadas pelas constantes uniões e dissoluções políticas e territoriais (BOULHOSA, 2005, p. 14).

Assim, acredita-se que a preservação desse material tem papel fundamental na manutenção de conhecimentos a respeito, tanto de datações históricas, quanto dos feitos realizados por aqueles povos, bem como das estruturas sociais do período, sendo crucial para a manutenção identitária.

## 5. ANÁLISE NARRATIVA DO QUARTO CAPÍTULO DA SAGA

À vista da pesquisa sócio-histórica desenvolvida até então, é necessário que analisemos ainda nesse trabalho, que a isso se propõe, a narrativa da *Saga de Eiríkr Vermelho* no que compete às questões literárias com base nos estudos de Erich Auerbach. Assim sendo, usaremos aqui o referencial literário necessário para desenvolver as análises propostas, tomando como ponto de partida a narrativa da saga, utilizando trechos para exemplificar o trabalho desenvolvido. Inicialmente, de acordo com Auerbach, há, na historiografia da literatura, duas vertentes de narrativas, a narrativa greco-romana, representada pelas narrativas homéricas; e a narrativa judaico-cristã, representada pelos textos bíblicos do antigo e novo testamento.

“A cicatriz de Ulisses”, primeiro capítulo de *Mimesis*, de Erich Auerbach, é um estudo comparativo entre a narrativa homérica, com suas descrições bem ordenadas, uniformemente iluminadas, e as narrativas judaico-cristãs, nas quais há trechos deixados no escuro, sem iluminação. Segundo Auerbach, há uma “necessidade do estilo homérico de não deixar nada do que é mencionado na penumbra ou inacabado” (2002, p. 3). Tal necessidade da narrativa homérica pode ser contrastada com os momentos das narrativas bíblicas nas quais só temos acesso ao que se quer mostrar, “só aquilo que deve ser conhecido a seu respeito aqui e agora, dentro dos limites da ação,

aparece iluminado” (AUERBACH, 2002, p. 8), estabelecendo de certa forma uma narrativa cadenciada e sem contrapontos no tempo e espaço.

A narrativa das sagas islandesas vem a ser no presente trabalho analisada de acordo com a definição apresentada pelo autor, ainda que o mesmo não trabalhe o gênero saga em suas análises, de forma a tomar sua conceituação como base para o trabalho comparativo. As sagas, em especial a aqui trabalhada *Saga de Eiríkr Vermelho*, apresentam uma singularidade narrativa a respeito do comentado por Auerbach: A necessidade de não deixar trechos na penumbra do não dito, contrastada com a economia de informações e as lacunas de preenchimento do leitor.

A narrativa apresentada pelas sagas islandesas pode ser, em alguns momentos, interpretada como mais próxima ou semelhante à narrativa judaico-cristã, apresentada pelo texto bíblico, uma vez que para tal narrativa não há necessidade de apresentação de alguns fatos anteriores ao momento da narrativa; assim sendo, o texto bíblico, ao contrário do texto homérico, não apresenta retomada de acontecimentos anteriores como forma de melhor desenvolver a narrativa. Entretanto, a semelhança do narrador das sagas com o narrador bíblico não deixa de ser notória. É plausível tal análise quando se discorre sobre a relação do narrador bíblico com a idéia de veracidade dos acontecimentos apresentados pela narrativa. Ou seja, é possível ver que o narrador bíblico, eloísta, assim como o narrador das sagas, é um indivíduo que acredita na veracidade dos acontecimentos; um narrador que apresenta os fatos como ocorridos, não incluindo, ou incluindo poucas informações adicionais aos atos narrados.

O narrador da saga, pode, por vezes, assim como o narrador eloísta, vir a narrar de forma sucinta, apresentando uma economia de informações, sendo necessário que o leitor supra uma necessidade de completar os sentidos apresentados pelo texto. Podendo novamente aqui fazer valer a citação de Zumthor; “Evitemos dar a esses textos mais do que nos dão [...] Resta-nos, por nossa maneira de auscultar esses signos, fazer ressoar aí o não-dito” (1993, p. 21-22). Não devemos atribuir sentidos não iluminados previamente pelo seu autor. Podemos apenas completar algumas lacunas de sentido com base no que hoje, em nossa interpretação contemporânea, temos registro a respeito

dessas narrativas e dessa sociedade, e podemos ainda analisar a respeito delas.

Há na construção dessas sagas, de uma maneira geral, uma lacuna narrativa, episódios não esclarecidos, momentos não iluminados, nos quais o leitor é o responsável pela atribuição de sentidos: A abertura da saga informa de maneira abrupta a situação vivida por aquele grupo humano:

Naqueles tempos houve uma grande fome na Groenlândia. Os homens que haviam partido em expedições de caça apanharam pouca coisa, e alguns não retornaram (2007, p. 95).

A única informação a respeito do período de fome é de que os homens haviam conseguido pouco alimento, e alguns nem sequer retornaram das expedições de caça. Por não haver explicações mais sobre as razões que levaram à fome, resta ao leitor atribuir possíveis sentidos às informações apresentadas. Pode ser que tenha havido uma intempérie, ou que o inverno tenha durado mais que o normal aquele ano; ainda assim, apenas suposições a respeito dessas informações podem ser realizadas, uma vez que não podemos afirmar com certeza, afinal, tal informação não foi impressa na narrativa, por haver uma omissão de detalhes durante a prescrição do acontecimento.

O gênero saga se apresenta de uma forma abrupta e muitas vezes parece não dar continuidade aos acontecimentos de forma sutil. Entretanto, apesar dessa abruptalidade, que apresenta ao leitor de forma inesperada informações importantes a respeito da narrativa, temos também o processo inverso, no qual, à vista das narrativas homéricas, o narrador descreve minuciosamente diversas questões narrativas. Assim sendo, a narrativa da saga aqui analisada apresenta, na nossa concepção, a proximidade com as duas formas narrativas apresentadas por Auerbach.

Ao mesmo tempo em que há tal lacuna, há também uma apresentação detalhada de informações que podem, à primeira vista, soar como desnecessárias para a construção de sentidos da narrativa. O leitor pode em algum momento se perguntar qual a relevância de informações como as apresentadas a respeito da personagem Thorbjörg, a vidente introduzida já no

segundo parágrafo do capítulo; conhecida por pequena sibila, última irmã viva de um total de dez que tinha como costume ser convidada para festas:

Havia na habitação uma mulher de nome Thorbjörg; ela era uma adivinha e era chamada de pequena sibila. Ela tivera nove irmãs e haviam sido todas adivinhas, e só ela permanecia viva. Era costume de Thorbjörg no inverno freqüentar as festas, e os homens a convidavam a entrar, principalmente aqueles que tinham curiosidade em saber sobre o seu futuro ou sobre a próxima estação. E, já que Thorkell era o maior fazendeiro lá, julgavam que era a ele que cabia saber quando aquela escassez que os castigava teria fim (2007, p. 95).

A partir daqui se desenrola uma narração, por vezes minuciosa, por vezes também abrupta, do evento no qual a vidente profetiza a volta dos tempos de fartura: A narrativa que descreve Thorbjörg é um exemplo do que Auerbach chama de momento de iluminação, apresentando, logo ao início informações pertinentes a respeito da mulher. Já a apresentação das razões que levam a vidente àquele lugar, é o que o estudioso chama de momento obscuro, não dando profundidade ao acontecimento; apenas apresentando o necessário a respeito do mesmo: havia um tempo de fome e “mulheres como ela” eram chamadas sempre que os habitantes dos assentamentos não sabiam como proceder a respeito.

A pequena sibila vem à habitação convidada por Thorkell, o maior fazendeiro da região, que lhe preparou uma recepção cuidadosa. A partir do momento da entrada de Thorbjörg na celebração é possível ver que há uma quantidade significativa de informações que são relevantes para a narrativa a respeito da personagem. Descreve-se, por exemplo, a sua vestimenta de forma tão detalhada que é possível recriar sua figura<sup>11</sup>;

---

<sup>11</sup> Exemplo de uma caracterização da vidente esculpida em silicone encontrada no *Saga Museum*, na capital Islandesa, disponível na página 50.

Thorkell convida a adivinha a entrar e é oferecida a ela uma boa recepção, conforme era de costume ao se receber mulheres desse tipo: foi-lhe arrumado um assento alto com uma almofada; dentro dela deveria haver penas de galinha. E quando ela chegou de noite, junto com o homem que fora enviado ao seu encontro, ela estava arrumada assim, tinha sobre si um manto negro costurado com tiras de couro e todo ele era decorado com pedras, até embaixo; ela tinha no pescoço um colar com pedaços de vidro; ela tinha sobre a cabeça uma boina de pele de carneiro negro e forrada por dentro com pele de gato branco. Nas mãos ela tinha um bastão e nele havia um pegador, ele era decorado com latão, e no pegador havia pedras. Ela tinha em sua volta um cinto, e havia nele uma grande bolsa de pele; ela guardava lá dentro tudo o que precisava para a sua magia. Ela tinha botas peludas de pele de bezerro nos pés, atadas por longas tiras apertadas, com um grande botão de peltre na ponta. Ela tinha nas suas mãos luvas de pele de gato, brancas e peludas por dentro (2007, p. 95-96).

É nítida aqui a importância dada ao detalhamento e a iluminação para com os pormenores da apresentação da vidente. Apesar de necessitarmos ainda de uma análise aprofundada quanto às características de suas vestimentas e seus adornos, é notório o espaço destinado à sua descrição. Em uma narrativa tão cheia de momentos não iluminados, a escolha pela apresentação minuciosa da vestimenta da personagem parece desempenhar papel fundamental de notoriedade para tal figura.

Nítida, também, é a forma particular pela qual ela é tratada; há um responsável por acompanhá-la até a habitação, e há uma recepção para o momento de sua chegada. Ela também determina os procedimentos da realização do ritual e a forma como ela retribui o cumprimento dos homens da região diz muito do seu prestígio social. Descreve-se a forma como foi recebida, e a forma como recebeu aqueles que vieram lhe cumprimentar: “E, quando ela entrou, todos os homens se *sentiram obrigados* a cumprimentá-la com cerimônia, e ela retribuía conforme *julgava* que devia a cada homem” (2007, p. 96). Até mesmo o assento que lhe é destinado tem papel importante na apresentação da personagem: “O fazendeiro Thorkell tomou a feiticeira pelas mãos e conduziu-a àquele assento que lhe havia sido arrumado” (2007, p. 96). O assento alto da casa, normalmente era oferecido aos indivíduos de maior importância.

O banquete que lhe foi servido é também um exemplo do prestígio social de Thorbjörg:

Foram montadas mesas de noite, e quanto a isso há para contar que refeição foi preparada para a adivinha: Foi-lhe preparado um mingau de leite de cabra, e então, para a refeição, foram-lhe preparados corações de todos os tipos de animais que havia à disposição por lá. Ela tinha uma colher de latão e uma faca com cabo de marfim de morsa, preso por dois anéis de bronze, e a ponta da lâmina estava quebrada (2007, p. 96).

Em tempos de fome, servir um banquete era sinal de respeito pela figura da visitante. Não apenas é servida uma refeição cotidiana; ainda que haja a preparação de um mingau de leite de cabra, que pode possivelmente ter sido uma refeição comum para os habitantes daquela localidade, uma vez que havia nas habitações uma variedade de animais domesticados; Entretanto, preparar uma refeição com corações de todos os animais da habitação soa demasiadamente mais importante.

Não se sabe ao certo quantos dias resultam da passagem do tempo no período dessa narrativa, mas sabe-se durar mais de um único dia, podendo-se considerar que a realização de festividades como essa eram processos complexos e que poderiam demorar tempo considerável.

E, quando as mesas foram retiradas, o fazendeiro Thorkell caminha até Thorbjörg e pergunta como ela avaliaria a sua casa ou os modos das pessoas, ou quão rapidamente ela se tornaria sabedora daquilo que ele perguntara e que os homens tanto queriam saber. Ela respondeu que não contaria antes da manhã seguinte, depois que já tivesse dormido pela noite (2007, p. 96).

Segundo a determinação de Thorbjörg, o rito de contato com os espíritos que lhes concederiam o conhecimento dos dizeres que as pessoas na localidade tinham interesse em saber só poderia ser realizado após a estadia de uma noite na locação. Dessa forma, na noite do segundo dia, depois de lhe serem fornecidos os “utensílios que ela devia ter quando fosse praticar a magia”, Thorbjörg pede para que se apresentem as mulheres que na localidade conhecessem a “sabedoria que era necessária para praticar a magia e que se chama Varðlokur”, ou segundo nota de rodapé de Moosburger, “cantos para despertar os espíritos”.

Ela pediu para que lhe trouxessem as mulheres que conhecessem a sabedoria que era necessária para praticar a magia e que se chama *Varðlokur*; mas tais mulheres não se encontraram. Então foi investigado pela fazenda se alguma mulher era conhecedora. Guðríðr diz então: “Eu não sou nem versada nas magias nem feiticeira, porém a minha mãe de criação na Islândia, Halldís, ensinou-me a sabedoria que ela chamava de *Varðlokur* (2007, p. 96-97).

Tal sabedoria era pelas mulheres da região desconhecidas, e a única que era conhecedora de tal encantamento era Guðríðr Thorbjarnardóttir, que por ser uma mulher cristã tem receios em participar do ritual entoando o cântico. Thorbjörg apesar de não ser a responsável por convencer Guðríðr a participar da ritualística, deixando tal função para Thorkell, contrapõe o argumento da mulher, ressaltando que a sua ajuda não seria nenhum tipo de demérito para a mesma; podendo inclusive resultar em boas visões de Thorbjörg a respeito do futuro de Guðríðr.

Thorbjörg responde: “Então tu és mais sábia do que eu esperava”.

Guðríðr diz: “Essa é a única prática em que não tenho intenção de interferir, porque sou uma mulher cristã.”

Thorbjörg responde: “Poderia acontecer de tu seres de ajuda aos homens por aqui, sem que tu te tornares uma mulher pior com isso. Mas é Thorkell quem eu encarrego de me prover aqui com aquilo que preciso.” Assim Thorkell pressiona Guðríðr, e ela acabou por dizer que faria conforme ele desejava (2007, p. 97).

Há aqui um papel claro de dominância da figura do fazendeiro Thorkell para com a figura feminina, de dependência, filha de um visitante da localidade. Guðríðr não aparenta gozar de um prestígio social como o de Thorbjörg. Entretanto, não se nota também uma relação de autoridade de Thorbjörg para com ela. Guðríðr não é tratada de forma dominante pela vidente, e sim de forma a apresentar paridade, ou, auxílio mútuo.

Após convencida a tomar parte no ritual, Guðríðr, juntamente com as outras mulheres se reúnem em torno de um tablado, “e no meio Thorbjörg estava sentada, em cima dele” (2007, p. 97), e em forma de círculo escutam o cântico. “Guðríðr então recitou o cântico tão belamente e tão bem que julgaram nunca ter ouvido antes com tão bela voz aquele cântico que era então recitado” (2007, p. 97). Thorbjörg afirma terem muitos espíritos se achegado e que “acharam belo de ouvir o que foi recitado, que antes queriam afastar-se de nós

e nenhuma audiência prestar-nos”. Thorbjörg relata a partir disso, majoritariamente em citação direta, quais as visões que recebe a partir da intervenção de Guðríðr no contato com os espíritos:

A feiticeira agradece-lhe pelo cântico; disse que muitos espíritos “agora se achegaram, e que acharam belo de ouvir o que foi recitado, que antes queriam afastar-se de nós e nenhuma audiência prestar-nos. Mas agora estão claras para mim muitas coisas que antes eram negadas tanto para mim quanto para os outros. E eu posso dizer uma coisa, que esta fome não durará mais do que este inverno e que os produtos da terra melhorarão com a chegada da primavera. A doença que assola há tempo também desaparecerá mais rápido do que se esperaria. Já a ti, Guðríðr, eu hei de te recompensar pelo auxílio que nos prestaste, pois as previsões para o teu futuro estão agora totalmente claras para mim. Tu terás núpcias aqui na Groenlândia, que serão as mais honoráveis, contudo não durarão tanto, pois os teus caminhos te levam à Islândia, e lá partirá de ti uma linhagem grande e boa, e sobre os teus descendentes brilhará uma luz resplandecente, e agora fica bem e sã, minha filha” (2007, p. 97-98).

E assim contam a escrita das sagas que realmente se fez, exemplo disso seriam os bispos da igreja católica que descenderam dela.

Após as previsões solicitadas Thorbjörg mantém-se ainda mais algum tempo na fazenda de Thorkell a fim de atender aos pedidos de outros que chegavam até a feiticeira. Thorbjörg era boa em relatar e pouco do que ela dizia não se concretizava, assim as pessoas que tinham curiosidade foram até ela.

Depois as pessoas caminharam até a feiticeira, e cada um informou-lhe daquilo que tinha mais curiosidade de saber; ela era também boa em relatar; pouco do que ela dizia dava errado.

Na sequência vieram em busca dela da fazenda vizinha, e então ela foi até lá” (2007, p. 98).

O tempo melhorou rapidamente e como previra Thorbjörg, a linhagem de Guðríðr se estendeu forte e numerosa.

Quanto à Thorbjörn, pai de Guðríðr, e sua família: Após as predições da vidente Thorbjörg, Thorbjörn foi chamado “pois ele queria estar fora de casa enquanto duravam aquelas cerimônias pagãs” (2007, p. 98). A família viaja até Brattahlíð e passa aquele inverno na companhia de Eiríkr Vermelho, que na primavera dá terras em Stokkanes, e lá se faz um fazendeiro valoroso. Nos capítulos seguintes, podemos descobrir que Guðríðr foi proposta em

casamento duas vezes, uma antes da morte de seu pai Thorbjörn, quando seu noivo também vem a morrer, acredita-se que de uma doença contagiosa; e uma segunda vez, quando já aos cuidados de Eiríkr Vermelho, é pedida em casamento por Thorfinnir Karlsefni, com quem se casa no inverno.

## 6. A ARQUEOLOGIA DA FIGURA FEMININA: THORBJÖRG, A ADIVINHA, VIDENTE, MULHER MÍSTICA

A se tratar da descrição realizada da personagem Thorbjörg, e levando em consideração a apresentação da mesma na listagem de nomes ao final da obra *The Vinland sagas*, edição da *Penguin Books* que contém tanto a saga dos Groenlandeses, quando a saga de Eiríkr Vermelho, é possível considerar que: “Thorbjörg (a pequena sibila), profetisa na Groenlândia freqüenta uma festa em Herjolfsness, profetizando o futuro de Guðríðr”<sup>12</sup> (VINLAND SAGA, 1965, p. 111). Na tradução inglesa da saga, Thorbjörg é chamada de *Litilvolva* (ou *little völva*), sendo aqui *völva* considerada uma vidente (do inglês: *seeress*; do islandês: *spákona*), ou conforme a tradução brasileira, uma adivinha, chamada pequena sibila, irmã de nove outras adivinhas. A *palavra völva*, no plural, *völvur*, do nórdico antigo significa em inglês: *wand carrier*, ou no português: portadora de varinha; sendo também chamada de *fjǫlkunnig*, cujo significado poderia ser traduzido para *plenty of knowing* no inglês, ou no português: abundância de conhecimento.

Por meio da própria significância dos termos é notória a qualidade atribuída às völvas, ou videntes. Segundo apresentação do site do *Saga Museum*, localizado na capital islandesa, no qual a personagem Thorbjörg é representada por meio de uma figura esculpida em silicone detalhadamente apresentada como descrita pela Saga de Eiríkr Vermelho, a vólva tem um papel fundamental na estrutura social da comunidade nórdica, de forma como até mesmo Odin, o pai dos deuses e homens, teve a assistência das predições de uma vidente responsável por relatar o evento do Ragnarök.

---

<sup>12</sup> Tradução própria. Original: “Thorbjörg (the Little Sibyl), prophetess in Greenland; attends a feast at Herjolfsness, prophecies Gudrid’s future” (VINLAND SAGA, 1965, p. 111).

A grande maioria dos assentamentos na Islândia eram pagãos e acreditavam nos antigos deuses, ou Æsir, como eram chamados. A crença em Æsir é uma religião politeísta na qual os deuses são figuras humanas em aparência, necessidades e ações, mas muito mais poderosas do que os mortais. A mitologia de Æsir é recontada na famosa “Völuspá”, na qual Odin, pai dos deuses e dos homens, escuta o conto da profetisa no que concerne ao início e o fim do mundo. Os pagãos acreditavam em tal destino, uma crença que eles herdaram de seus antepassados germânicos, no qual o destino de cada homem era preordenado e existiam certas mulheres que eram capazes de contar o futuro e predizer o que estava por vir. Os Vikings chamavam suas contemporâneas videntes ou profetisas de völvur e tratavam-nas com uma mistura de respeito e medo (SAGA MUSEUM, 2017).<sup>13</sup>

Também segundo o site do *Saga Museum*, há uma distinção entre a figura da völvur, ou vidente, e a figura das bruxas ou feiticeiras. Parece haver uma distinção em status e aceitação social quanto às figuras:

Os antigos Vikings tinham uma distinção entre völvur (videntes) e bruxas ou feiticeiras. A primeira podia predizer o tempo e a sorte dos homens, enquanto que a última, na verdade, tentava influenciar as ações e o destino dos indivíduos. Bruxas ou feiticeiras normalmente estavam associadas com o mal, enquanto que as völvur tinham status elevado e comumente ganhavam presentes após suas profecias (SAGA MUSEUM, 2017).<sup>14</sup>

Guðríður Þorbjarnardóttir (filha de Þorbjarn ou Thorbjörn), tem sua história reproduzida na Saga de Eiríkr Vermelho a partir de sua estadia no assentamento de Thorkell, ao chegar na Groenlândia, e sua posterior mudança para a Islândia, onde dela descenderia uma linhagem numerosa e de importância social.

---

<sup>13</sup> Tradução própria. Original: “The greater majority of the settlers of Iceland were heathen and believed in the old gods or Æsir as they were called. The belief in the Æsir is a polytheistic religion in which the gods are human-like in appearance, needs and actions, but far more powerful than mortals. The mythology of the Æsir is recounted in the famous “Völuspá” where Odin, father of the gods and men, listens to the tale of the prophetess concerning the beginning and the end of the world. The heathens believed in such fate, a belief they inherited from their Germanic forefathers, where each man’s destiny was preordained and that certain women could foretell the future and predict what was to come. The Vikings called their contemporary seers or prophetesses völvur and treated them with a mixture of respect and fear” (SAGA MUSEUM, 2017).

<sup>14</sup> Tradução própria. Original: “The ancient Vikings distinguished between völvur and witches or sorceresses. The former could predict the weather and man’s fate while the latter actually tried to have an effect on an individual’s action or destiny. Witches or sorceresses were therefore associated with evil while the völvur had high status and were often given gifts after they had made their prophecies” (SAGA MUSEUM, 2017).

Essa predição sobre a família de Guðríður apoia a ideia de que a Saga de Eiríkr ou Eric Vermelho foi escrita sob a influência integrantes da igreja (católica) para elevar o status de sua família, uma vez que nada menos do que três bispos islandeses descenderam de Guðríður. Por volta da mesma época em que as sagas estavam sendo escritas, os cristãos haviam buscado por muitas dessas völvur que eram versadas na arte da magia e as matado por heresia. É interessante notar que o cristão que escreveu a saga não representou Thorbjörg como uma mulher perversa e má (SAGA MUSEUM, 2017).<sup>15</sup>

A respeito da mulher medieval, há na vidente, uma particularidade que representa, no ambiente religioso da era pré-cristã, um papel crucial no desenvolvimento das atividades sociais da comunidade. Apesar disso, há controvérsias sobre a real participação da mulher medieval no ambiente social, entretanto é notória sua presença nas sagas como figura de respeito no ambiente religioso, e como figuras distintas da maior parte das mulheres, responsáveis pelo cuidado com o ambiente familiar.

As völvur islandesas eram normalmente casadas e com família. Apesar disso, elas eram consideradas como independentes e bem recompensadas em uma sociedade na qual mulheres raramente trabalhavam em qualquer lugar que não a casa. Ainda que homens feiticeiros fossem mencionados nas sagas, não há nenhuma contrapartida para as conhecidas völvur. Apesar de estar à margem da sociedade islandesa, ser uma vidente era uma profissão bem respeitada e elas apenas sofriam se a profecia não se adequasse ao personagem da saga [assim como pode ser visto, por exemplo, na *Völuspá* com a profecia da völvur a respeito do destino de Odin] (SAGA MUSEUM, 2017).<sup>16</sup>

Langer (2012), a partir disso, defende que, “Em um mundo patriarcal, heróico e guerreiro, o papel feminino básico era semi-servil e de submissão”; e dadas as lacunas na representação de outras figuras femininas durante o desenvolvimento da própria saga de Eiríkr Vermelho:

---

<sup>15</sup> Tradução própria. Original: “This prediction concerning Guðríður’s family supports the idea that The Saga of Eric the Red was written under the influence of some churchmen to raise the status of her family, since no fewer than three Icelandic bishops descended from Guðríður. At about the same time as the saga was written, Christians had sought out many of these völvur who were skilled in the art of magic and had them killed for heresy. It is therefore interesting that the Christian who wrote the saga did not try to represent Þorbjörg as a wicked and evil woman” (SAGA MUSEUM, 2017).

<sup>16</sup> Tradução própria. Original: The Icelandic völvur were usually married with families. Nevertheless, they were regarded as independent and well rewarded in a society where women rarely worked anywhere else than at home. Although male sorcerers are mentioned in the sagas, there is no male counterpart to the völvur. Despite being on the margins of the society in Iceland the völvur was a greatly respected profession and only suffered if the prophecy did not suit the protagonist of the saga [as it can be seen, for example, in the *Völuspá* saga with the völvur predicting on Odin’s fate]” (SAGA MUSEUM, 2017).

Em sociedades da Era Viking – como em tempos mais antigos – mulheres eram subordinadas aos homens [...] sua possibilidade de atingir poder era assim mínima, assim como as oportunidades de elas, independentemente, controlarem grandes propriedades econômicas. [...] É assim claro que mulheres não tinham direitos formais, nem sequer posição social e econômica para agir no campo da política (Magnúsdóttir, 2011, apud LANGER, 2012, p. 41).<sup>17</sup>

Desse modo, como relatado Langer (2012) ao citar Borovsky, um dos poucos espaços nos quais as mulheres teriam tais demonstrações de poder seriam as “esferas da religiosidade pagã e da performance oral, perdida com a cristianização” (p. 286). Porém também possível que, como apresentado por Jochens em Langer (2012), o prestígio social da mulher nesse momento de transição tenha deixado de existir da forma como é apresentada pela saga, sendo modificado nessa nova religiosidade, passando a ser significativo apenas nas esferas familiares. As esferas de família, casamento, sexualidade tomaram proporções diferentes a partir da ascensão do cristianismo, determinando novos espaços sociais para a mulher, não sendo mais possível que a mesma fosse detentora de algum tipo de poder religioso, por exemplo.

Langer também cita Dubois, historiador norte-americano, e segundo ele, as comunidades nórdicas “são comunidades descentralizadas de fé” (2012), assim sendo, não há uma centralização da fé nórdica como uma única estrutura cristalizada; a fé é plural e em cada comunidade poderia haver formas diferentes de reproduzir tais crenças, por causa disso, pode ter ocorrido o que o estudioso chamada de interculturalidade entre as estruturas de fé de cada um desses povos, seja por influência de povos vizinhos, seja por condições geográficas ou econômicas, por casamentos interculturais, viagens ou migrações. A fé nórdica podia sofrer diversas modificações ao longo do tempo conforme entrasse em contato com outras crenças, fato pelo qual se pode atribuir uma possível razão para a não manutenção de muitos dos costumes atribuídos às comunidades vikings, ou a plena extinção de muito da cultura desses povos. O contato com outras formas de religiosidade pode ter sido

---

<sup>17</sup> Tradução própria. Original: “In Viking Age society – as in later times – women were subordinated to men [...] their possibilities of attaining power were thus minimal, as were the opportunities for them to independently control large economic properties. (...) It is thus clear that women neither had the formal rights nor the social and economic position to take action in the field of politics” (Magnúsdóttir, 2011, apud LANGER, 2012, p. 41).

responsável, ao longo do tempo pela extinção dessa cultura, e aqui, o cristianismo tem papel fundamental:

O medievalista Paul Zumthor nos fala dessa época em que o corpo e a voz humana eram condenados à inércia, pelas rígidas leis cristãs, tais como o jejum, o voto de silêncio, a castidade e a autoflagelação, normas essas que se dirigiam contra as necessidades básicas do corpo humano: a fala, o movimento (imaginário e físico) e a voracidade (COELHO, 1998, p. 47).

As concepções cristãs condenaram então à vida “fora da lei”, fora dos moldes, sendo aquele que desrespeitasse tais preceitos, um herege e um pecador digno de punição. E como forma de manutenção das práticas, a mulher medieval da era cristã que desempenha uma função religiosa, ao contrário da mulher pagã ou pré-cristã, realiza sua adoração à margem da sociedade, no que Coelho constitui como o “complexo de crenças que originou a chamada bruxa” (1997, p. 47) para o cristianismo. Apontamos aqui também o contraste entre a idéia do místico pré-cristão e o a concepção de bruxaria e demonologia, conceitos abordado por Stuart Clark em sua obra *Pensando com Demônios*. Demonologia, no dicionário Priberam *online*: “estudo sobre os demônios”, foi uma área muito abordada pelos intelectuais europeus do século XV ao século XVIII, segundo Clark. Para os pensadores da Idade Moderna, que de maneira geral embasam muitos dos estudos subsequentes a respeito das religiosidades medievais, as estruturas religiosas dos povos vikings, politeístas, por vezes considerados bárbaros, eram uma demonstração de sua não cristianização, sendo considerados adoradores de uma fé não digna; razão pela qual foram mortos muitos dos considerados hereges.

Todavia, deve ser aqui realizada uma separação entre o que a esfera cristã considera como bruxa, e o que na esfera pagã é considerada uma mulher mística. Para os povos em questão, moradores das regiões nórdicas, colonizadores do ocidente norte, não havia um conceito de bruxaria como o conhecido pela Idade Moderna, sendo apenas apresentado o ideário de bruxa posteriormente, com a ascensão do cristianismo e as perseguições religiosas. Para tais comunidades, a religiosidade se dava de forma distinta da realizada por sociedades como as do século XV a XVIII na qual a mulher detentora do poder místico era vista como bruxa e maligna. Para comunidades majoritariamente pagãs como era a comunidade Islandesa do século IX e X, o

místico era parte constituinte da religiosidade - ainda que houvesse sim uma classe de representação de mulheres místicas que eram desconsideradas como benfeitoras - e aquela que detinha a capacidade de prever e relatar fato futuros era considerada uma representante importante da classe religiosa. O que, posteriormente, seria tratado como demonstração de bruxaria, detento uma conotação pejorativa e muitas vezes associada ao demoníaco, era, nesse momento considerada uma prática cotidiana, indispensável para o funcionamento da sociedade.

## 7. AS RELAÇÕES DE PODER DAS MULHERES: MULHER PAGÃ E MULHER CRISTÃ

Realizando uma análise dessa figura feminina e do poder por ela desempenhado, pode-se estabelecer um paralelo entre as demonstrações de poder social que a mulher considerada mística desempenha nas sociedades pré-cristãs e nas sociedades posteriores, nas quais a influência cristã desmonta a validade do rito místico, transformando a representatividade pagã em demonstração demonológica, como acontece com aquelas consideradas bruxas e queimadas nas fogueiras da Inquisição. Sociedades hoje conhecidas como a dos vikings eram esferas de convivência social na qual as mulheres detinham determinado poder associado à esfera religiosa. As sagas consistem em um ambiente bem específico, no qual figuras como a da personagem Thorbjörg apresenta de maneira visível uma influência no ambiente social, sendo solicitada e bem recebida. Isso entretanto, não desqualifica a figura da mulher não detentora de poderes místicos nessa sociedade.

É necessário que se analise como se dá o desempenho dessas funções de poder durante a ascensão da fé cristã em uma região anteriormente pagã, uma vez que, por se tratar justamente de uma representatividade feminina específica de poder, e usando aqui da conceituação de relação de poder de Michel Foucault em *Microfísica do poder* (2006), é possível sistematizar que a personagem Thorbjörg representa uma figura de poder social, desempenhando um papel crucial na sociedade em que estava inserida.

. Ainda que se possa questionar a extensão do poder feminino para outras personagens como Guðriðr, mulher já participante da organização social

cristã que começa a se desenvolver na Islândia do século X, ainda assim, há nesse contexto, uma representante do poder, que em outras condições seriam apenas atribuídas a homens. É possível notar, que até mesmo as mulheres aparentemente comuns na organização social, ainda que possivelmente bem nascidas, como é o caso de Guðriðr, tem seu momento de fala e são respeitadas por ser quem são. Ainda que em suas relações familiares Guðriðr, pertencesse a uma família de “fazendeiros honrosos” como descrito pela saga, ela, por ser uma mulher, tinha pouca possibilidade de tomada de decisão, contudo há para ela a possibilidade de, ainda que mulher e não independente financeiramente, ao ser posteriormente proposta em casamento, ser indagada sobre sua vontade ou não em constituir o laço com o proponente.

O impasse reside na nossa não capacidade de atestar a individualidade da figura feminina, uma vez que, apesar de apresentar possibilidades de uma independência em quesitos como a escolha dos parceiros ou até mesmo a execução de uma atividade como a das videntes, nem todas as esferas de desempenho social eram indicadas para as mulheres. Um exemplo disso é a não possibilidade de mulheres conduzirem expedições e viagens, com exceção das völur, cuja função social dava-lhes a possibilidade de visitarem diferentes localidades, atendendo aos chamados da população interessada em suas profecias.

Mulheres nas sagas eram consideradas mais independentes do que quaisquer outras mulheres na Europa nesse período. [...] Algumas dessas histórias, particularmente as sagas, podem ser bem diferentes hoje do que eram quando existiam na tradição oral, porque os monges cristãos tentaram remodelar as sagas para diminuir a influência do paganismo e inserir nelas os ideais cristãos (MOHLER, 2011).<sup>18</sup>

De qualquer forma, as mulheres medievais da era pré-cristã, ainda que muitas vezes restritas às funções familiares, apresentavam uma independência maior do que as mulheres da Idade Média na Europa, talvez pela possibilidade do uso do poder religioso.

---

<sup>18</sup> Tradução própria. Original: “Females in the sagas are still considerably more independent than any women elsewhere in Europe at this time. [...] Some of these stories, particularly the sagas, might be very different today than they were when they existed as oral tradition, because Christian monks tinkered with the sagas in order to decrease the influence of paganism and insert Christian morals” (MOHLER, 2011).

É possível estabelecer a relação da perda do poder místico religioso dos tempos pré-cristãos para o poder do momento cristão nos seguintes dizeres de Michel Foucault: “É característico de nossas sociedades ocidentais que a linguagem do poder seja o direito e não a magia ou a religião” (2006, p. 250). Assim sendo, é natural que em nossa sociedade atual, estreitamente influenciada pelos preceitos cristãos e as normativas sociais há muito estabelecidas, o poder esteja expresso pelo dizer das leis, e não mais pela magia ou pelas forças da própria religião. Sendo assim o poder estabelecido por figuras como Thorbjörg e suas irmãs sibilas, não mais aceito como um dizer de verdade. O dizer religioso místico não mais apresenta a mesma força social, sendo considerado como periférico.

A literatura cortesã, citada tanto por Michel Foucault, quanto por Stuart Clark como literatura produzida por e para os membros das cortes no período da Idade Média, está embebida em um momento histórico de valorização das estruturas associadas ao cristianismo. Assim sendo, representa, por meio de sua própria perspectiva, o olhar de seu tempo. Segundo Foucault, “tecia-se em torno da mulher estas relações cortesãs, que no fundo são o inverso das relações de poder, pois se trata sempre de um cavaleiro chegando em um castelo para roubar a mulher do senhor da região” (FOUCAULT, 2006, p. 251).

É notório aqui, então, que a figura feminina representada pela literatura cortesã é uma representação do ideário feminino que perdura até hoje na maioria das sociedades, a visão da figura feminina como aquela que deve ser resgatada ou que pode ser roubada do senhor da região. Todavia, se faz aqui interessante a reflexão sobre a não participação de figuras como a *vö/va* nesse processo. Ainda que determinada parcela das mulheres da era viking pudessem ser consideradas a figura da mulher cuja dependência do indivíduo do sexo masculino era uma convenção social, a *vö/va* detém uma liberdade associada ao seu papel na sociedade, sendo ela, possivelmente, uma das únicas figuras femininas representante de um poder social externo ao ambiente familiar.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar considerações finais a respeito de uma pesquisa tão extensa e prolongada, é cabível que se expresse o sentimento, que pode vir a permear o processo, de não finalização da tarefa de pesquisa de determinada questão. Levando em conta a vastidão dos estudos do medievo que abrangem tal linha de pesquisa, é possível que o presente trabalho represente um avanço mínimo nas análises até então realizadas, mas com certeza, representa um passo em direção a pesquisas mais complexas que poderão vir a ser realizadas posteriormente. Questões reflexivas ainda não esclarecidas como a simbologia da caracterização da personagem, ou um aprofundamento nos estudos sócio-históricos, podem resultar em trabalhos posteriores, nos quais, a análise cada vez mais detalhada das representações propostas pelas sagas pode levantar questões pertinentes à produção acadêmica.

A partir da pesquisa até então estabelecida, foi possível realizar um apanhado sócio-histórico das sociedades vikings emigradas da Noruega por volta do ano de 900 d. C. em direção às terras do Ocidente, que consiste hoje na Groenlândia, Islândia e América. Apesar do processo turbulento encontrado por esses povos, não se pode dizer de forma alguma que tenham falhado na tarefa de descobrir e colonizar novas regiões do globo. Ainda que as disputas territoriais com nativos da América tenham impedido sua permanência, é crucial que se atribua aos navegadores nórdicos as primeiras excursões pelas terras ocidentais.

Relacionar tal contextualização sócio-histórica com as reflexões a respeito das sagas islandesas como gênero literário é indispensável. Analisar o gênero sagas islandesas sem estabelecer paralelo com os acontecimentos do século X, bem como sua reprodução oral por trezentos anos até seu registro literário no século XIII, seria desmerecer o processo de manutenção da narrativa. Como forma também de manutenção da identidade desses povos, as sagas podem ser vistas como indispensáveis para a sobrevivência desses registros históricos.

Entretanto, tais reflexões se mostram como um embasamento para as reflexões literárias propostas para o capítulo da *Saga de Eiríkr Vermelho*, na qual é apresentada a figura da vidente Thorbjörg, analisada por esse trabalho como sendo figura de representação particular na estrutura social da qual fazia parte. De acordo com a reflexão aqui proposta, Thorbjörg, assim como outras

videntes do período, era uma figura de prestígio social, cuja influência na sociedade se estabelecia de maneira vital para o funcionamento das estruturas pagãs e politeístas da Islândia e Groenlândia dos séculos IX e X. As videntes não apenas exerciam um papel vital, como representavam um conjunto de mulheres cuja força e poder eram reconhecidos pelas comunidades. Essas mulheres desempenhavam funções de poder, tomando para si uma autoridade muitas vezes apenas vista na figura masculina. As *völvur*, como também chamadas, eram mulheres que desempenhavam funções fora do âmbito apenas familiar, realizando viagens pelas localidades, e possivelmente até mesmo gerando riquezas, por lhes serem atribuídos presentes após suas profecias.

Dessa forma, é notório que, mesmo sendo caracterizada como uma classe restrita, há na cultura viking uma representante de poder místico feminino, representante essa não encontrada nas esferas cristãs; ainda que possa haver figuras femininas com outros graus de importância para o cristianismo, como é o caso da própria Maria. Ainda assim, não há para o cristianismo figuras como a da vidente representando um poder místico.

## 9. REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: A representação da realidade na Literatura Ocidental. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BOULHOSA, Patricia Pires. Sagas islandesas como fonte de história da Escandinávia medieval. **Signum** 7, 2005, p. 13-39. Disponível em: <http://www.boulhosa.net/Signum.pdf>. Acessado em: 18 de junho de 2017.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Leya, 2014.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Edusp, 2006.

COELHO, Vânia C. **Ritos encantatórios**: os signos que serpenteiam as chamadas bruxas. São Paulo: Annablume, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 22ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

INGSTAD, Anne Stine. **The discovery of a Norse settlement in America**. Oslo: Universitetsforlaget, 1977.

INGSTAD, Anne Stine; INGSTAD, Helge. **The Viking discovery of America**: The excavation of a Norse Settlement in L'Anse Aux Meadows, Newfoundland. Oslo: Breakwater books, 2000.

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Gj-l5hdpzGoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acessado em: 20 de outubro de 2017.

KVILHAUG, Maria. **The Maiden with the Mead**: A Goddess of Initiation in Norse Mythology? 159 folhas. Tese de dissertação em história das religiões, Departamento de Cultura. Universidade de Oslo, 2004. Disponível em: <https://www.duo.uio.no/handle/10852/23958?locale-attribute=en>. Acessado em: 12 de novembro de 2017.

LANGER, Johnni. Guerreiras na Era Viking? Uma análise do Quadrinho “Irmãs de escudo” (Série *Northlanders*). **Roda da Fortuna**. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo: 2012, Volume 1, Número 1, p. 267-293. Disponível em: [https://www.academia.edu/1806928/Guerreiras\\_na\\_Era\\_Viking\\_Uma\\_an%C3%A1lise\\_do\\_quadrinho\\_Irm%C3%AAs\\_de\\_escudo\\_Women\\_warriors\\_in\\_the\\_Viking\\_Age\\_RODA\\_DA\\_FORTUNA\\_REVISTA\\_ELETR%C3%94NICA\\_DE\\_ANTIGUIDADE\\_E\\_MEDIEVO\\_VOL.\\_1\\_N.\\_1\\_2012](https://www.academia.edu/1806928/Guerreiras_na_Era_Viking_Uma_an%C3%A1lise_do_quadrinho_Irm%C3%AAs_de_escudo_Women_warriors_in_the_Viking_Age_RODA_DA_FORTUNA_REVISTA_ELETR%C3%94NICA_DE_ANTIGUIDADE_E_MEDIEVO_VOL._1_N._1_2012). Acessado em: 10 de junho de 2017.

LANGER, Johnni. Seidr: magia feminina e xamânica entre os vikings. In: LUPI, João. (Org.). **Druidas, cavaleiros e deusas**. Florianópolis: Editora Insular, 2010 a, p. 126-144. Disponível em: [http://www.academia.edu/753500/Seidr\\_magia\\_feminina\\_e\\_xam%C3%A2nica\\_](http://www.academia.edu/753500/Seidr_magia_feminina_e_xam%C3%A2nica_)

entre\_os\_vikings.\_In\_LUPI\_Jo%C3%A3o.\_Org.\_.Druidas\_cavaleiros\_e\_deusas.\_Florian%C3%B3polis\_Editora\_Insular\_2010\_p.\_126-144. Acessado em: 14 de junho de 2017.

LANGER, Johnni. Seiðr e magia na Escandinávia Medieval: reflexões sobre o episódio de Þorbjörg na Eiríks saga rauða. **Signum** 11 (1), 2010 b, 177-202. Disponível em: [https://www.academia.edu/752520/SEI%C3%90R\\_E\\_MAGIA\\_NA\\_ESCANDIN%C3%81VIA\\_MEDIEVAL\\_SIGNUM\\_11\\_2010](https://www.academia.edu/752520/SEI%C3%90R_E_MAGIA_NA_ESCANDIN%C3%81VIA_MEDIEVAL_SIGNUM_11_2010). Acessado em: 10 de junho de 2017.

LANGER, Johnni. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. **Alétheia** - Revistas de estudos sobre a Antiguidade e Medieval. Volume 1, Janeiro/Julho de 2009. ISSN: 1983-2087 Disponível em: [https://www.academia.edu/752755/Saga\\_dos\\_Volsungos\\_Al%C3%A9theia\\_Revista\\_de\\_estudos\\_sobre\\_Antig%C3%BCidade\\_e\\_Medieval\\_Volume\\_1\\_Janeiro\\_a\\_Julho\\_de\\_2010](https://www.academia.edu/752755/Saga_dos_Volsungos_Al%C3%A9theia_Revista_de_estudos_sobre_Antig%C3%BCidade_e_Medieval_Volume_1_Janeiro_a_Julho_de_2010). Acessado em: 15 de maio de 2017.

LANGER, Johnni. Religião e magia entre os vikings: Uma sistematização historiográfica. **Brathair** 5 (2), 2005, p. 55-82. Disponível em: [https://www.academia.edu/752818/RELIGI%C3%83O\\_E\\_MAGIA\\_ENTRE\\_OS\\_VIKINGS\\_UMA\\_SISTEMATIZA%C3%87%C3%83O\\_HISTORIOGR%C3%81FICA\\_BRATHAIR\\_5\\_2005](https://www.academia.edu/752818/RELIGI%C3%83O_E_MAGIA_ENTRE_OS_VIKINGS_UMA_SISTEMATIZA%C3%87%C3%83O_HISTORIOGR%C3%81FICA_BRATHAIR_5_2005). Acessado em: 12 de junho de 2017.

MITCHELL, Stephen A. **Witchcraft and Magic in the Nordic middle ages**. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2011.

MOHLER, McKenzie. **The “Beer-bowl’s goddess”**: Woman in Icelandic Mythology and Sagas. Highlands Ranch, CO, 2011. Disponível em: <https://public.wsu.edu/~kimander/beerbowlgoddess.htm>. Acessado em: 11 de novembro de 2017.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

MOOSBURGER, Théo de Borba. **Brennu-Njáls saga**: Projeto tradutório e tradução para o português. 442 folhas. Tese de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 11 de setembro de 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132415>. Acessado em: 04 de setembro de 2017.

RIVENBARK, Susan Elizabeth. **“Ek Skál Hér Ráða”**: Themes of Female Honor in the Icelandic Sagas. 101 folhas. Tese de mestrado em Artes, Departamento de História. Universidade Estadual Appalachian. Carolina do Norte, 2011. Disponível em: <http://www.medievalists.net/2012/05/ek-skal-her-rada-themes-of-female-honor-in-the-icelandic-sagas/>. Acesso em: 12 de novembro de 2017.

**Saga Museum**. The Saga Museum. Reykjavík, Islândia, 2017. Disponível em: <http://www.sagamuseum.is/>. Acessado em: 11 de novembro de 2017.

SILVA, Gilvan Ventura. **Reis, santos e feiticeiros**: Constâncio III e os fundamentos místicos da Basiléia (337-361). Vitória: Edufes, 2003.

SVEINSSON, Einar Ólafur. **Dating the Icelandic sagas**. Great Britain, Bristol: Western Printing Services Ltd, 1958.

**Três sagas islandesas**. Tradução e posfácio Théo da Borba Moosburguer. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

**The Vinland sagas**: The Norse discovery of America. Translated with an introduction by Magnus Magnusson and Hermann Pálsson. Penguin Classics, 1965.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: A “literatura” medieval. Tradução: Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

## 10. ANEXOS

### 10.1. A Saga de Eiríkr Vermelho – Capítulo IV

Naqueles tempos houve uma grande fome na Groenlândia. Os homens que haviam partido em expedições de caça apanharam pouca coisa, e alguns não retornaram.

Havia na habitação uma mulher de nome Thorbjörg; ela era uma adivinha e era chamada de pequena sibila. Ela tivera nove irmãs e haviam sido todas adivinhas, e só ela permanecia viva. Era costume de Thorbjörg no inverno freqüentar as festas, e os homens a convidavam a entrar, principalmente aqueles que tinham curiosidade em saber sobre o seu futuro ou sobre a próxima estação. E, já que Thorkell era o maior fazendeiro lá, julgavam que era a ele que cabia saber quando aquela escassez que os castigava teria fim.

Thorkell convida a adivinha a entrar e é oferecida a ela uma boa recepção, conforme era de costume ao se receber mulheres desse tipo: foi-lhe arrumado um assento alto com uma almofada; dentro dela deveria haver penas de galinha. E quando ela chegou de noite, junto com o homem que fora enviado ao seu encontro, ela estava arrumada assim, tinha sobre si um manto negro costurado com tiras de couro e todo ele era decorado com pedras, até embaixo; ela tinha no pescoço um colar com pedaços de vidro; ela tinha sobre a cabeça uma boina de pele de carneiro negro e forrada por dentro com pele de gato branco. Nas mãos ela tinha um bastão e nele havia um pegador, ele era decorado com latão, e no pegador havia pedras. Ela tinha em sua volta um cinto, e havia nele uma grande bolsa de pele; ela guardava lá dentro tudo o que precisava para a sua magia. Ela tinha botas peludas de pele de bezerro nos pés, atadas por longas tiras apertadas, com um grande botão de peltre na ponta. Ela tinha nas suas mãos luvas de pele de gato, brancas e peludas por dentro.

E, quando ela entrou, todos os homens se *sentiram obrigados* a cumprimentá-la com cerimônia, e ela retribuía conforme *julgava* que devia a cada homem. O fazendeiro Thorkell tomou a feiticeira pelas mãos e conduziu-a àquele assento que lhe havia sido arrumado. Thorkell pediu-lhe, então, que corresse os olhos pela sua casa, rebanhos e família.

Ela era reticente com relação a tudo.

Foram montadas mesas de noite, e quanto a isso há para contar que refeição foi preparada para a adivinha: Foi-lhe preparado um mingau de leite de cabra, e então, para a refeição, foram-lhe preparados corações de todos os tipos de animais que havia à disposição por lá. Ela tinha uma colher de latão e uma faca com cabo de marfim de morsa, preso por dois anéis de bronze, e a ponta da lâmina estava quebrada.

E, quando as mesas foram retiradas, o fazendeiro Thorkell caminha até Thorbjörg e pergunta como ela avaliaria a sua casa ou os modos das pessoas, ou quão rapidamente ela se tornaria sabedora daquilo que ele perguntara e que os homens tanto queriam saber. Ela respondeu que não contaria antes da manhã seguinte, depois que já tivesse dormido pela noite.

E, no dia seguinte, no fim do dia, foram-lhe fornecidos os utensílios que ela devia ter quando fosse praticar a magia. Ela pediu para que lhe trouxessem as mulheres que conhecessem a sabedoria que era necessária para praticar a magia e que se chama *Varðlokur*, mas tais mulheres não se encontraram. Então foi investigado pela fazenda se alguma mulher era conhecedora. Guðríðr diz então: “Eu não sou nem versada nas magias nem feiticeira, porém a minha mãe de criação na Islândia, Halldís, ensinou-me a sabedoria que ela chamava de *Varðlokur*.”

Thorbjörg responde: “Então tu és mais sábia do que eu esperava”.

Guðríðr diz: “Essa é a única prática em que não tenho intenção de interferir, porque sou uma mulher cristã.”

Thorbjörg responde: “Poderia acontecer de tu seres de ajuda aos homens por aqui, sem que tu te tornares uma mulher pior com isso. Mas é Thorkell quem eu encarrego de me prover aqui com aquilo que preciso.”

Assim Thorkell pressiona Guðríðr, e ela acabou por dizer que faria conforme ele desejava. Então as mulheres formaram um círculo em torno do tablado, e no meio Thorbjörg estava sentada, em cima dele. Guðríðr então recitou o cântico tão belamente e tão bem que julgaram nunca ter ouvido antes com tão bela voz aquele cântico que era então recitado. A feiticeira agradece-lhe pelo cântico; disse que muitos espíritos “agora se achegaram, e que acharam belo de ouvir o que foi recitado, que antes queriam afastar-se de nós e nenhuma audiência prestar-nos. Mas agora estão claras para mim muitas

coisas que antes eram negadas tanto para mim quanto para os outros. E eu posso dizer uma coisa, que esta fome não durará mais do que este inverno e que os produtos da terra melhorarão com a chegada da primavera. A doença que assola há tempo também desaparecerá mais rápido do que se esperaria. Já a ti, Guðríðr, eu hei de te recompensar pelo auxílio que nos prestaste, pois as previsões para o teu futuro estão agora totalmente claras para mim. Tu terás núpcias aqui na Groenlândia, que serão as mais honoráveis, contudo não durarão tanto, pois os teus caminhos te levam à Islândia, e lá partirá de ti uma linhagem grande e boa, e sobre os teus descendentes brilhará uma luz resplandecente, e agora fica bem e sã, minha filha.”

Depois as pessoas caminharam até a feiticeira, e cada um informou-lhe daquilo que tinha mais curiosidade de saber; ela era também boa em relatar; pouco do que ela dizia dava errado.

Na sequência vieram em busca dela da fazenda vizinha, e então ela foi até lá. Então mandaram chamar Thorbjörn, pois ele queria estar fora de casa enquanto duravam aquelas cerimônias pagãs.

O tempo melhorou rápido, conforme dissera Thorbjörg. Thorbjörn apronta um navio e viaja até que chega a Brattahlíð. Eiríkr o recebe de braços abertos, e disse que era ótimo que ele havia vindo. Thorbjörn, com a gente da sua casa, passou o inverno com ele.

Depois, na primavera, Eiríkr deu a Thorbjörn terras em Stokkanes, e ele se fez um fazendeiro valoroso e passou a habitar lá.

- 10.2. Tabela cronológica de acontecimentos apresentados pela obra *The Vinland Sagas*, versão inglesa que contém a Saga de Eiríkr Vermelho:

### CHRONOLOGICAL TABLE

Vikings sack Lindisfarne	A.D. 793
Vikings sack Iona and Lambay	795
Irish hermits in Iceland	c. 795
Iceland described by the Irish monk Dicuil	825
Norsemen discover Iceland	c. 860
Settlement of Iceland begins	c. 870
Gunnbjorn Ulfsson sights Greenland	c. 900
Icelandic republic established	930
Eirik the Red emigrates to Iceland	c. 960
Snæbjorn Galti's expedition to Greenland	c. 978
Eirik the Red explores Greenland	c. 981
Eirik the Red colonizes Greenland	985/6
Bjarni Herjolfsson sights America	985/6
Iceland adopts Christianity	1000
Leif Eiriksson explores Vinland	c. 1001
Thorfinn Karlsefni in Vinland	c. 1010
Iceland makes 'explorers' treaty' with Norway	c. 1022
Adam of Bremen writes about Vinland	c. 1075
Bishop Eirik seeks Vinland	1121
Greenland bishopric established	1126
Ari the Learned writes <i>Islendingabók</i>	c. 1127
Spitzbergen discovered	before 1170
<i>Grænlandinga Saga</i> written	?c. 1190
Jan Mayen Island discovered	1194
<i>Eirik's Saga</i> written	?c. 1260
Greenland comes under Norwegian rule	1261
Iceland comes under Norwegian rule	1262
<i>Hauksbók</i> MS. compiled	c. 1330
Western Settlement in Greenland wiped out	c. 1345
Markland (Labrador) visited by Greenlanders	1347
<i>Flateyjarbók</i> MS. compiled	c. 1390
Last ship from Greenland reaches Iceland	1410
<i>Skálholtsbók</i> MS. compiled	c. 1470
Papal letter on Greenland	1492
Christopher Columbus rediscovers America	1492
Norse colony in Greenland dies out	c. 1500

10.3. Mapa do Atlântico Norte desenhado por Sigurdur Stefansson na Islândia, 1590:



Map 1. North Atlantic map drawn by Sigurdur Stefansson in Iceland, c. 1590

- 10.4. Thorbjörg segundo representação em silicone disposta no *Saga Museum*, na Islândia:

